

MAPEANDO PERCURSOS DOS SEMINÁRIOS INTEGRADOS DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

Gabriela Dutra Rodrigues Conrado¹, André Martins Alvarenga²

**¹Universidade Federal do Pampa/ Campus Caçapava do Sul/
gabrielapof@hotmail.com**

**²Universidade Federal do Pampa/ Campus Caçapava do Sul/
dealvarenga.mat@gmail.com**

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo investigar e compreender as práticas pedagógicas nos Seminários Integrados do Ensino Médio Politécnico, do Rio Grande do Sul. Estudos mostram que o currículo organiza-se em dois eixos: formação geral e parte diversificada. O primeiro busca integrar as áreas do conhecimento em uma perspectiva interdisciplinar. O segundo procura articular as áreas do conhecimento com o mundo do trabalho, dando um enfoque transdisciplinar à proposta. Os Seminários Integrados possibilitam a interlocução entre os dois eixos, evidenciando a politecnicidade para formação humana. A produção dos dados da pesquisa foi realizada através de observações nos projetos realizados nos Seminários Integrados nas cinco escolas de Ensino Médio de Caçapava do Sul - RS. Esses dados foram registrados em um diário. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores responsáveis por estas atividades. Os dados produzidos foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, surgindo duas categorias: Gestão Escolar e Formação Docente. O estudo mostra que falta tempo para planejamento e espaços coletivos de discussão entre os professores. A organização dos projetos de pesquisa dos estudantes vem enfrentando desafios como: articulação entre as áreas, o modo como os professores interagem, escolha do tema e elaboração dos projetos nos Seminários Integrados.

Palavras-chave: Currículo; Ensino Médio Politécnico; Interdisciplinaridade; Seminários Integrados; Transdisciplinaridade.

Introdução

No Brasil, ocorreram diversas modificações no currículo e na concepção formadora do Ensino Médio. Atualmente, esta função ainda gera discussões e dúvidas entre os educadores: qual é o papel formador do Ensino Médio considerando as demandas da sociedade atual?

As primeiras instituições de Ensino Médio no Brasil surgiram ainda na primeira metade do século XIX. Localizavam-se nas capitais e tinham dois seguimentos distintos: ensino para homens e ensino normal para as mulheres. Após este período, na Primeira República (1889-1930), a característica principal do Ensino Secundário era preparar para o Ensino Superior, demonstrando uma educação elitizada. Durante este período, diversas

reformas aconteceram, mas foi somente na década de 1940 que houve mudanças significativas, com o surgimento de colégios divididos em clássico e científico (JÉLVEZ, 2013).

No Ensino Técnico-Profissionalizante a formação era voltada para o mundo do trabalho e não havia muitos assuntos em comum com o Ensino Secundário, pois os estudantes desta modalidade não poderiam realizar exames para o Ensino Superior. Por este motivo, as classes sociais - média e alta - não valorizavam o Ensino Técnico, pois ele não possibilitava o ingresso às faculdades e universidades. No decorrer dos anos 1940 e 1950 as matrículas aumentaram mais de 50% no Ensino Secundário, colaborando para a ampliação da rede de ensino no país, bem como para o aumento do grau de escolarização (SANTOS, 2010).

No início da ditadura militar, a preocupação do ensino era de instrumentalizar para o trabalho, e o enfoque curricular foi orientado neste sentido. No ano de 1971, a Lei de Diretrizes e Bases nº 5692/71 (BRASIL, 1971) fixou o ensino de 1º e 2º graus, em âmbito nacional, generalizando o Ensino Profissionalizante no nível médio ou 2º grau. Nos anos 1980, com o fim da ditadura e a promulgação da Constituição de 1988, a educação é tratada como direito de todos e dever do Estado e da família, modificando legalmente o papel da educação na sociedade.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), promulgada na década de 1990, iniciou a configuração que temos hoje no contexto educacional: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Profissionalizante. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (BRASIL, 2012), determinam que o currículo adote uma abordagem que valorize a diversidade e a autonomia, a interdisciplinaridade e a contextualização, vinculando a educação com o mundo do trabalho.

Com a universalização do acesso ao Ensino Médio, que hoje integra a Educação Básica, oferece uma realidade diferente da encontrada há anos atrás, popularizando o acesso à escolarização. Todas estas mudanças comprometem-se a promover uma identidade para o Ensino Médio. Assim, qual deve ser o tipo de formação para este novo público que vivencia uma época de intensa velocidade de informações?

Provavelmente não há resposta única para esta questão. Logo, entende-se que é necessário que o ensino busque atender aos anseios da juventude atual, garantindo além do acesso à escola, o acesso à educação.

Analisando a forma como o Ensino Médio vem sendo trabalhado, baseado muitas vezes na superespecialização do conhecimento científico e sua homogeneização, considera-se

que o ensino, muitas vezes, colabora para que diversos estudantes reprovem, abandonem a escola e, conseqüentemente, ingressem no mercado de trabalho mais cedo (AZEVEDO; REIS, 2013).

Sendo assim, é importante que a educação propicie aos jovens a capacidade de responder aos desafios do mundo globalizado, refletir criticamente sobre problemas sociais, políticos e ambientais, fazendo uso das informações para obter a competência de integrar conhecimentos ao seu contexto global, transformar informações em conhecimento e conhecimento em sapiência (MORIN, 2003).

Discutir uma mudança no Ensino Médio é importante, pois na maioria das vezes os conteúdos são trabalhados fora do contexto, dificultando reflexões e projetos coletivos. Um dos principais objetivos da escola é educar para a vida, para que os sujeitos possam compreender e intervir na realidade, conscientes de seu papel como cidadão.

Para cogitar melhorias na qualidade da educação, destaca-se a relevância que os conteúdos e o currículo representam na formação e no desempenho dos estudantes, ainda que existam outras dimensões que influenciam esses aspectos. Pensar propostas que possibilitem a motivação dos alunos para a aprendizagem é uma inquietação que pode levar à melhoria da qualidade de ensino, possibilitar o desenvolvimento de estudantes que possuem talentos ou habilidades específicas, assim como, auxiliar aos que possuem dificuldades ou ritmos mais lentos na aprendizagem.

Com o propósito de que haja uma transformação na educação, é interessante que o sistema escolar esteja comprometido como um todo: a prática do professor em sala de aula comprometida com as perspectivas curriculares e com a aprendizagem dos estudantes; a gestão engajada nas propostas incentivando a formação continuada dos professores para atender as mudanças curriculares e as necessidades da comunidade escolar, assim como promover discussões e reflexões sobre a educação, entre outros aspectos.

Segundo as DCNEM (BRASIL, 2012), a orientação é que o ensino ultrapasse a descrição dos fenômenos, fornecendo condições para que os estudantes possam construir a capacidade de analisar, explicar, prever e intervir na realidade. Isto é possível por meio de ações que possibilitem o envolvimento e o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem, sendo favorecido pela presença da interdisciplinaridade nas atividades escolares.

Considera-se que o professor tem função essencial nas práticas interdisciplinares, na forma como exerce sua profissão, pois necessita buscar alternativas diferenciadas para sua

prática, de modo que dialogue tanto com as saberes dos alunos, como com outras áreas do conhecimento. Pesquisar e investigar o conteúdo de outras disciplinas é um hábito que pode ser adquirido pelos professores na busca pelo conhecimento e pela qualificação de atividades de cunho interdisciplinar, o que pode imprimir nos alunos o costume de refletir e pesquisar demonstrando uma prática pedagógica dinâmica e preocupada com a emancipação dos estudantes. Neste novo conceito de prática pedagógica, o aluno é menos dependente do professor para aprender (PIMENTA, 1998).

Neste contexto, o Ensino Médio Politécnico (EMP) busca constituir-se promovendo a emancipação dos estudantes no aprofundamento da articulação das áreas de conhecimentos e suas tecnologias, representada em quatro eixos: Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, proporcionando a construção do conhecimento e inserção social da cidadania (RIO GRANDE DO SUL, 2011).

Avaliando o EMP, percebemos uma proposta diferenciada de educação, pois propõe maior flexibilidade curricular, inovações metodológicas, indicando novas perspectivas que instigam os docentes, principalmente no que tange aos Seminários Integrados (SI). Esses buscam relacionar as áreas do conhecimento com o desenvolvimento de práticas, visitas, estágios e vivências. Nos SI são elaborados projetos de pesquisa sob orientação dos professores, trabalhando com a perspectiva do trabalho como princípio educativo e da pesquisa como princípio pedagógico.

Considerando esta realidade, e analisando a proposta do EMP, e especialmente os SI, o objetivo desta pesquisa é investigar e compreender de que modo os professores vem interagindo nas atividades dos SI, mapeando seus desafios e possibilidades.

Deste modo, tem-se como objetivos específicos: analisar como os professores vêm transformando sua prática pedagógica a partir das ações nos SI; identificar os desafios e possibilidades no planejamento e desenvolvimento de projetos nos SI; investigar de que maneira as estratégias metodológicas vem sendo empreendidas para articular saberes com o mundo do trabalho.

Para se entender a proposta do EMP e dos SI, é importante compreendermos diferentes conceitos sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, bem como eles podem colaborar para uma formação integrada e dinâmica no Ensino Médio.

Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade

A interdisciplinaridade escolar visa favorecer “sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração” (FAZENDA, 2008, p. 21). A interdisciplinaridade não pretende extinguir as disciplinas e seus conteúdos, mas buscar relações entre elas, como o próprio prefixo sugere. O conceito de interdisciplinaridade está diretamente relacionado ao conceito de disciplina. As disciplinas surgem atreladas a cultura escolar, no qual buscam transformar o ensino em aprendizagem, através da organização de conhecimentos em segmentos, disciplinas (PINTO, 2014).

Lück (2007, p. 64) defende que “Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade [...]”. Segundo Jantsch e Bianchetti (2011) a interdisciplinaridade é uma exigência das ciências, consistindo na transposição de um sistema construído para outro, e não pode ficar limitada à busca de elementos comuns às disciplinas, ou reduzir os conhecimentos a um denominador comum.

Para que possamos entender os fenômenos analisando-os em sua dinâmica natural, várias disciplinas, e vários segmentos do conhecimento são utilizados para que se estude e compreenda um fenômeno. O entendimento de que uma situação real pode ser entendida pelas diversas áreas do conhecimento, estabelecendo diálogo com as disciplinas, caracteriza-se como olhar transdisciplinar.

Segundo Morin (1977, 2003), a transdisciplinaridade trata-se de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, sendo relevante não destituir os fenômenos de seu contexto, seja cultural ou social. Nesta concepção, a transdisciplinaridade evoca uma visão complexa aos conhecimentos, indo através e além das disciplinas. Assim como a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade não pretende extinguir as disciplinas ou romper com seus limites. No princípio da transdisciplinaridade as disciplinas podem ser simultaneamente abertas e fechadas. Abertas para entender os fenômenos e situações reais, e fechadas para aprofundar conceitos capazes de permitir compreensão em uma concepção dialógica do conhecimento.

Currículo do Ensino Médio Politécnico

É relevante salientar que a proposta do EMP foi elaborada impulsionada por orientações de políticas públicas para a educação como, por exemplo, o Programa Ensino Médio Inovador¹ (ProEMI) (BRASIL, 2013). Este programa tem como um dos principais objetivos redesenhar o currículo do Ensino Médio no país, proporcionando o desenvolvimento de atividades integradoras que contemplem as diversas áreas do conhecimento.

As DCNEM (BRASIL, 2012) em seu artigo 13º orientam a elaboração dos currículos de Ensino Médio para integração de ciência, tecnologia, cultura e mundo do trabalho. Assim sendo, os estados e Distrito Federal vêm elaborando suas propostas para atender estas demandas nacionais de educação. São Paulo (2012) propõe jornada integral, com matriz curricular flexível e eletiva, incentivando o protagonismo do jovem na sua formação. No Distrito Federal (2013), é adotada uma perspectiva interdisciplinar, buscando relacionar conteúdos científicos e escolares, promovendo entendimento do mundo atual em sua multiplicidade. O estado de Minas Gerais (2013) reinventou o seu currículo conferindo protagonismo aos jovens, inserindo o Seminário de Percurso Curricular, no qual será escolhida a área de empregabilidade, promovendo articulação de conteúdos escolares como o mundo do trabalho.

Na direção destas estratégias, o estado do Rio Grande do Sul optou por um currículo politécnico o qual proporciona a integração entre disciplinas estudadas e o mundo do trabalho, almejando relacionar educação intelectual, tecnológica e corporal, preparando os estudantes para serem autônomos, e que construam opiniões e ações críticas e reflexivas (AZEVEDO; REIS, 2013).

De acordo com Torres (2012), a concepção de educação politécnica está historicamente atrelada ao marxismo. Para Marx e Engels (1983) o entendimento de educação segue três aspectos: educação intelectual, educação corporal e educação tecnológica, visando à educação do trabalhador para compreender os processos científicos e tecnológicos, não sendo oprimido pelo sistema capitalista de produção. Sendo assim, o Ensino Médio Politécnico torna-se “enraizado no mundo do trabalho e das relações sociais, de modo a promover formação científico-tecnológica e sócio-histórica a partir dos significados derivados da cultura, tendo em vista a compreensão e a transformação da realidade” (RIO GRANDE

¹ Integra o Plano Nacional da Educação (BRASIL, 2014) e foi instituído em 2009 com o intuito de induzir a reestruturação do Ensino Médio no país.

DO SUL, 2011, p.14). A politecnia pode possibilitar aos jovens, diferentes formas de construir uma visão sistêmica das áreas estudadas, em torno do currículo integrado, na qual a perspectiva interdisciplinar é privilegiada.

É importante esclarecer como a proposta do EMP organiza o currículo objetivando viabilizar a proposta, aproximando a prática educativa com o mundo do trabalho. Para isso, a proposta parte de dois eixos: formação geral e parte diversificada.

Entende-se por formação geral (núcleo comum), um trabalho interdisciplinar com as áreas de conhecimento com o objetivo de articular o conhecimento universal sistematizado e contextualizado com as novas tecnologias, com vistas à apropriação e integração com o mundo do trabalho.

Entende-se por parte diversificada (humana – tecnológica – politécnica), a articulação das áreas do conhecimento, a partir de experiências e vivências, com o mundo do trabalho, a qual apresente opções e possibilidades para posterior formação profissional nos diversos setores da economia e do mundo do trabalho (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 23).

Nesse sentido, a proposta organiza as áreas do conhecimento em: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias e; Ciências da Natureza e suas Tecnologias, sendo esta organização similar ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Na parte diversificada são citados os seguintes eixos transversais: Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos, Cultura e Artes, Cultura Digital, Prevenção e Promoção da Saúde, Comunicação e Uso de Mídias, Investigação no Campo das Ciências da Natureza, Educação Econômica e Áreas da Produção.

A carga horária do EMP, como prevê o ProEMI é ampliada, sendo de 3000h ao longo dos três anos do curso, organizando-se para aumentar gradativamente a carga horária da parte diversificada, nos três anos de EMP, iniciando com 250h no primeiro ano, 500h no segundo e 750h no terceiro.

A articulação entre os eixos da parte geral e da parte diversificada ocorrerá nos SI, sendo esses “espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso” (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 23). Neste contexto, os SI tem função essencial de integrar estes dois blocos do currículo.

O coletivo de professores será responsável pelos trabalhos do SI, oportunizando que os responsáveis por todas as áreas possam colaborar nos projetos. No entanto, apenas um docente assume a turma no período de SI.

Deste modo, os SI constituem um espaço curricular para trabalhar a interlocução entre as áreas de conhecimento e os eixos transversais, na perspectiva do EMP:

Os Seminários Integrados constituem-se em espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e em complexidade

crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto. (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 23).

As atividades nos SI serão elaboradas por meio de projetos, denominados Projetos Vivenciais. Esses projetos oportunizam a formação de sujeitos pesquisadores, partindo da ideia de pesquisa como princípio pedagógico (RIO GRANDE DO SUL, 2012). De acordo com Jélvez (2013, p. 133), a pesquisa “possibilita que o estudante possa ser protagonista na investigação e na busca de respostas”, este exercício favorece a autonomia do estudante em seu processo de construção de conhecimentos. Recomenda-se que a pesquisa realizada nos Projetos Vivenciais seja desenvolvida favorecendo a perspectiva interdisciplinar e contextualizada.

Muitas vezes os estudantes estão condicionados a um modelo transmissivo de conhecimento, tendo dificuldades de trabalhar em uma abordagem que exige capacidade argumentativa. Esses alunos acabam, normalmente, sendo resistentes ao envolvimento em propostas de pesquisa que necessitam de reflexão, sendo um dos desafios enfrentados pelos docentes do EMP.

Atrelada à perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar dos SI, está à ideia de formação integral, que tem o intuito de relacionar educação e trabalho. O trabalho é o “ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas” (SAVIANI, 2007, p. 154), e esta atuação permite ao homem conhecer e se integrar com a natureza tensionando seus limites a fim de possibilitar sua sobrevivência. Desta interação, homem e vida por meio do trabalho, constrói-se o homem educado.

Conforme Saviani (2007), trabalho e educação são atividades essencialmente humanas. Dizendo isto se entende que, *a priori*, apenas o homem possui a capacidade de trabalhar e educar, seja como um atributo inato do ser humano ou como um caráter acidental no seu processo histórico de desenvolvimento.

A união entre trabalho e ensino é a perspectiva da politecnia, a qual pretende integrar o trabalho, a ciência e a cultura, partindo do contexto social e cultural dos alunos para que os conteúdos sejam estudados. Deste modo, a interdisciplinaridade é princípio norteador da prática pedagógica politécnica. Nesta perspectiva, o estudante é levado a pensar e refletir sobre as relações do mundo do trabalho e a complexidade da realidade social na qual está inserido. Assim, “uma educação com o foco no mundo do trabalho visa fomentar percurso

discentes na direção de uma inserção crítica propositiva e não subordinada no mercado de trabalho [...]” (AZEVEDO; REIS, 2013, p. 35).

Desta premissa de politecnicidade, que relaciona o mundo do trabalho com os conteúdos ensinados em sala de aula, emerge um currículo que forma para a vida, proporcionando a emancipação do estudante seja qual for sua expectativa profissional.

Na perspectiva de Moreira (1997), o currículo é um conjunto de experiências vivenciadas pelos alunos orientadas pela escola e não somente os conteúdos ensinados das disciplinas da grade curricular. A organização curricular depende do que, e de como os estudantes respondem as atividades propostas, as disciplinas, compreendendo aspectos ligados à seleção dos conteúdos, metodologia de ensino, procedimentos e recursos empregados na sala de aula, em suma, de todo o processo das relações envolvidas na prática pedagógica.

Em tais condições, um currículo que busque uma formação dinâmica e integrada requer “uma incorporação de conhecimentos dentro de um todo indistinto” (LENOIR, 1998, p. 57), no qual as disciplinas compartilham informações, e nenhuma se torna mais importante que outra. As disciplinas existem e cumprem suas funções específicas na grade curricular, e a interdisciplinaridade proporciona a integração entre elas.

Neste ponto de vista, um currículo que possui conhecimentos independentes, mas complementares indica um enfoque interdisciplinar que norteia desenvolvimento das atividades dos SI e do EMP, as quais estão centradas na pesquisa como princípio pedagógico e no trabalho como princípio educativo colaborando para a formação dos estudantes.

Abordagem Metodológica

Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, pois se buscou investigar e compreender os percursos das atividades realizadas nos SI, como eles estão sendo planejados e desenvolvidos, bem como quais os desafios que esta atividade impõe na prática pedagógica dos professores do EMP.

Na pesquisa qualitativa, compreender é verbo principal, pois possibilita levar em consideração a individualidade de cada sujeito na sua subjetividade, experiência e vivência, os quais são integrantes de um coletivo cultural onde os sujeitos estão inseridos. Sendo importante que haja um esforço metodológico que garanta a objetivação, minimizando o subjetivismo do pesquisador (MINAYO, 2012).

Assim, esta pesquisa foi realizada nas cinco escolas estaduais com Ensino Médio Politécnico do município de Caçapava do Sul, RS. As escolas foram designadas por letras A, B, C, D e E, sendo as três primeiras de localidade rural e as duas últimas urbanas. Para produção dos dados, foram realizadas observações e entrevistas. Foram entrevistados somente os professores que puderam ser observados em pelo menos uma hora/aula em atuação nos SI. Deste modo, obtiveram-se sete sujeitos de pesquisa, designados por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7. Ao final, foram observadas 11 turmas de Ensino Médio, de 1º à 3º ano. No quadro a seguir, estão caracterizados os professores pela: área de formação, tempo de atuação em sala de aula, anos do EMP em que trabalham com SI e escola onde trabalham:

PROFESSOR	ÁREA DE FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	ANO	ESCOLA
P1	Física	3 anos	1º e 2º	A
P2	Português	3 anos	3º	
P3	Artes	10 anos	3º	B
P4	Matemática	2 anos	1º e 2º	
P5	Artes/Psicopedagogia	23 anos	1º, 2º e 3º	C
P6	Engenharia Química	20 anos	1º	D
P7	Matemática/Física	7 anos	1º	E

Fonte: os autores

Os professores P1, P3, P4, P5, P6 e P7 atualmente lecionam somente nas respectivas escolas. O professor P2 leciona em duas escolas, 20h em cada uma. As observações foram documentadas em diário de bordo (ZABALZA, 2004), não apenas descrevendo as atividades, mas incluindo análises, reflexões e diálogos com os alunos acerca de como eles vêm pesquisando e elaborando seus Projetos Vivenciais nos SI. Atualmente, nas escolas de EMP do município de Caçapava do Sul são dois ou três os períodos semanais de SI.

As entrevistas² realizadas foram semiestruturadas, combinando perguntas abertas e fechadas, possibilitando aos sujeitos de pesquisa discorrer sobre o tema (BONI; QUARESMA, 2005), assim permitindo ao pesquisador inferir dados relativos às atitudes e às opiniões dos entrevistados. Os dados produzidos foram analisados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Essa metodologia utiliza um conjunto de técnicas para analisar

² Questões das entrevistas estão disponíveis em apêndice.

textos, organizando-os a fim de buscar informações não percebidas em uma primeira leitura. A análise qualitativa presente nesta metodologia se fundamenta na presença de um tema, palavra ou personagem, dando relevância a cada comunicação individual (BARDIN, 1977). O processo de organização e análise dos dados foi dividido em três polos cronológicos: pré-análise; exploração do material, tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Na pré-análise foram sistematizadas as ideias iniciais, a partir das entrevistas e das descrições e reflexões registradas no diário. Com base nos objetivos específicos iniciou-se a exploração do material, relacionando as informações com o objetivo do trabalho. Após estas etapas, deu-se início ao processo de codificação, recortando trecho das falas e quantificando palavras de maior ocorrência. Posteriormente os mesmos foram reunidos em categorias temáticas: inicial, intermediária e final.

CATEGORIA INICIAL	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	CATEGORIA FINAL
1. Computadores e internet	1. Infraestrutura	1. Gestão Escolar
2. Organização escolar	2. Gestão	
3. Tempo para planejamento		
4. Articulação dos conhecimentos	3. Interdisciplinaridade	2. Formação Docente
5. Interdisciplinaridade		
6. Integração		
7. Professor pesquisador	4. Professor Orientador	
8. Professor orientador/mediador		
9. Novo modo de trabalhar do professor		
10. Formação Docente	5. Formação Docente	
11. Envolvimento do coletivo de professores		
12. Escolha do tema do projeto/pesquisa	6. Tema	
13. Pesquisa		

14. Não saber fazer	7. Falta de compreensão dos Seminários Integrados	
15. Fazer do mesmo modo		
16. Não entender		
17. Aluno não entende		
18. Aluno não quer fazer		
19. Aluno produzindo	8. Autonomia do estudante	
20. Aluno colocando em prática o projeto		
21. Metodologia da pesquisa	9. Metodologia para o projeto	
22. Planejamento do projeto		

Fonte: os autores

A seguir será apresentada a análise dos dados, os quais serão discutidos em duas categorias finais: ‘Gestão Escolar’ e ‘Formação Docente’.

Gestão Escolar

Uma das características inovadoras da proposta do EMP (RIO GRANDE DO SUL, 2011) é o trabalho com pesquisa nos Projetos Vivenciais. Para que sejam realizadas estas atividades, é importante um planejamento, escolha do tema de pesquisa e a escolha de estratégias para o desenvolvimento desta atividade.

A principal estratégia utilizada nas escolas observadas para desenvolver os Projetos Vivenciais, é o uso de computadores, pois atualmente a internet vem sendo uma fonte muito utilizada para acessar informações que podem fundamentar teoricamente as pesquisas. Desta forma, a infraestrutura das escolas influencia no trabalho dos SI.

Consegue-se organizar os projetos por meio de processadores de texto, editores e exibidores de apresentações em computadores. Logo, a falta de equipamentos ou sua baixa funcionalidade podem comprometer os trabalhos realizados nas escolas.

[...] a única dificuldade que tem aqui na escola é porque tem o laboratório, mas os computadores não estão ligados [...] então nós usamos só os notebooks, são cinco e dividimos entre a turma. (P4)

Na escola B, por exemplo, existem computadores de mesa, mas não existem salas em que possam ser ligados, desta forma, os alunos compartilham ou intercalam os notebooks.

Segundo Jelvéz (2013), uma vez que o EMP coloca a pesquisa como princípio pedagógico e o trabalho como princípio educativo no centro do plano político pedagógico, é recomendável garantir nas escolas condições infraestruturais, principalmente no que tange ao contexto digital.

Ademais, dentro do planejamento, é interessante que a gestão escolar busque alternativas para que as pesquisas possam ser realizadas em horário de aula, pois nem todos os estudantes dispõem de computadores em casa, ou acesso à internet, como aparece na seguinte fala:

Eu não gosto de pesquisar, porque não tenho computador em casa. (Aluno da escola D)

Na afirmação do aluno, o gosto pela pesquisa está diretamente relacionado com a sua possibilidade de realizar o que é proposto nos SI, este tipo de problema pode fazer com que o estudante sinta-se excluído da participação nos projetos, podendo prejudicar seu desempenho na escola. Na opinião de Kuenzer (2013), é importante que o professor esteja capacitado para orientar o melhor caminho metodológico em suas aulas, assim como, preparado para lidar com situações de desigualdade e diversidade. Desta forma, em algumas situações, o professor pode orientar a mudança do tema de pesquisa, se for o caso, ou em conjunto com os estudantes pensar estratégias que contornem este tipo de dificuldade, para que a falta de computador não se transforme em obstáculo para a elaboração dos projetos.

O uso de computadores, ou da internet, não são pré-requisitos para se trabalhar com pesquisas. Entretanto, um currículo politécnico, que pretende formar os estudantes nas dimensões científica e tecnológica, e entendendo que os ambientes de trabalho cada vez mais se encontram informatizados, não disponibilizar aos alunos o uso de computadores e da internet distancia-se da formação para o mundo do trabalho.

No entanto, ao mesmo tempo em que em algumas situações o uso de computadores constitui uma das dificuldades, por outro, o trabalho com as novas tecnologias nas escolas é estimulado nos SI. Na escola A, o laboratório fica disponível para os estudantes nos períodos de SI, que podem optar por trabalhar em sala de aula ou no laboratório. Na escola B, como foi mencionado pelo professor P4, os estudantes usam computadores, mas precisam compartilhá-los. Na escola C, os períodos de SI são sempre no laboratório de informática. Nas escolas D e E, existe laboratório de informática, mas pelos que foi observado e relatado pelos estudantes, não é utilizado nos SI.

Muitas vezes, os jovens estão acostumados a utilizar a internet para acessar redes sociais e desconhecem a funcionalidade de softwares de edição de texto ou de planilhas eletrônicas. Assim, os trabalhos realizados nos SI tornam-se uma oportunidade para que eles aprendam explorando outras ferramentas no computador e na internet, contribuindo para sua formação integral (ARAGONEZ, 2013).

Outro desafio enfrentado por alguns professores entrevistados é a necessidade de tempo para o planejamento dos projetos. Este fator vai além da esfera da escola, remetendo às próprias condições de trabalhos dos docentes no estado do Rio Grande do Sul.

A proposta do EMP impulsiona mudança na prática pedagógica, contudo, a carga horária dificulta uma transformação no ambiente escolar, como é relatado pelos professores:

É um modelo para uma escola tradicional, onde um professor chega às oito horas e dá sua aula e vai embora cuidar das outras tantas turmas que ele tem. O estado não propicia isso, não favorece. Se um professor tivesse 20h em cada escola, fosse mais da escola, aí seria maravilhoso. Teria tempo de montar projeto com os colegas, ver os colegas mais vezes. (P2)

Eu teria mais vontade, mas não tenho tempo para fazer coisas melhores. Eu tento fazer o máximo [...] eu precisaria de mais tempo, eu percebo que falta de tempo para fazer um trabalho melhor. (P7)

Muitas vezes, a responsabilidade na mudança e conseqüentemente na melhoria da educação, acaba recaindo principalmente sobre o professor, minimizando a responsabilidade dos estados, dos governantes e do cumprimento de políticas públicas que proporcionem condições para que o professor trabalhe em condições melhores. A proposta do EMP previu a ampliação da carga horária do EMP, mas os professores não receberam uma ampliação na carga horária para planejamento e adequação a este novo formato curricular. Para que os docentes possam estudar e organizar atividades com pesquisas, a quantidade de tempo pode interferir diretamente na qualidade do trabalho realizado. Do modo como vem sendo feita a gestão de carga horária dos professores, somente o professor responsável pela turma nos SI consegue atender os projetos. Dentre as cinco escolas observadas, apenas a escola A destina tempo para que um professor de cada área pudesse colaborar com os projetos de pesquisa dos alunos, propondo um dia letivo para esta finalidade no último semestre do ano. Segundo Ferreira (2013), é imprescindível que, para a operacionalização das ações envolvidas nos SI, haja o tempo para planejamento e encontro do coletivo de professores das diferentes áreas oportunizando a construção de projetos interdisciplinares.

O tempo para discussão e planejamento de atividades pode ser determinante para transformar informações em saberes. Se este momento não existe na escola, é possível

aprofundar conceitos e proporcionar aprendizagem por meio de pesquisa nos SI? Essas questões aproximam-se do modo como os professores interagem nos SI e serão discutidas a seguir.

Formação Docente

Conforme Fazenda (2008), as práticas pedagógicas interdisciplinares pressupõem troca de saberes entre professores e alunos favorecendo o processo de aprendizagem. Este compartilhar de saberes conceituais proporciona o estudo e a significação dos fenômenos cotidianos pelos estudantes. Assim, na escola A é proporcionado este momento de integração entre professores e alunos nos SI:

Nós fizemos um trabalho no qual nós reunimos os professores e os alunos, todos os professores puderam atender os alunos e seus projetos, dando sua contribuição [...] quando os professores entram em sala de aula eles sabem o que precisam dar de bagagem conceitual para que os estudantes possam aplicar nos seus projetos de pesquisa. (P1)

Segundo Ferreira (2013), os SI estão embasados no entendimento de que nenhum campo de conhecimento se sobrepõe ao outro, e é a partir da interdisciplinaridade que se torna possível explicar os fenômenos, visto que as disciplinas isoladas acabam não sendo suficientes para fazê-lo.

Em alguns momentos aparece na fala dos entrevistados a preocupação em inserir as disciplinas nos Projetos Vivenciais:

Neste trabalho tentamos sempre colocar as três disciplinas. (P6)

No projeto [...] parece que é matemática pura, mas não. Entra história, geografia, estamos tentando encontrar uma forma de colocar outras disciplinas. (P4)

Neste contexto, parece existir um esforço para colocar as disciplinas no projeto. Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade pode ser entendida pela interação existente entre duas ou mais disciplinas, não necessariamente todas as disciplinas precisam estar presentes em um projeto. Logo, se uma disciplina não for necessária em um dos projetos, não há prejuízo no caráter interdisciplinar da pesquisa. Desta forma, pode ser adequado o estudo do fenômeno em sua complexidade e em seu contexto, e naturalmente as disciplinas seriam essenciais para compreensão e argumentação sobre o tema escolhido.

O ato de construir conhecimento a partir da pesquisa vem instigando professores e estudantes, pois não vem sendo uma das metodologias mais utilizadas pelos professores na Educação Básica, visto que existe uma resistência à inclusão da pesquisa como princípio pedagógico em sala de aula (JÉLVEZ, 2013). Possivelmente, alguns trabalhos dos Projetos Vivenciais podem ficar limitados a recolher informações organizando-as sem aprofundamento conceitual, comprometendo a articulação das disciplinas, como observa o professor:

Eu estudei um pouco de abordagem interdisciplinar na graduação, mas me aprofundei no mestrado, onde tínhamos que planejar e apresentar uma aula neste enfoque. Discutíamos muito que não pode se reduzir a passar coisas fáceis para os alunos, é importante trabalhar conceitos: da física, da química, da biologia, etc. (P7)

Uma das dificuldades do trabalho com projetos interdisciplinares é o fato de algumas práticas serem desenvolvidas de forma intuitiva e sem rigor conceitual, e por isso, acabam se tornando tendências e modismos (FAZENDA, 2006). A interdisciplinaridade escolar é uma estratégia que possibilita aos estudantes, perceberem sentido no que estão estudando, entendendo o conhecimento como todo dinâmico e não apenas pela soma das disciplinas, mas pelas relações que existem entre elas.

De acordo com Morin (2000), a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais, entender o contexto em que a informação está inserida e ela própria. Pois, com isso, as grandes áreas do conhecimento podem ser estudadas de modo que a informação e o conhecimento estejam interligados contribuindo com o pensamento, já que este é um dos meios pelo qual o homem é capaz de crescer intelectualmente, socialmente e culturalmente.

Neste processo de ensino contextualizado alguns conceitos talvez sejam suprimidos e outros inseridos, de acordo com a necessidade das pesquisas dos estudantes. No entanto, considera-se relevante que os estudantes sejam capazes de compreender o mundo em que vivem pelo que aprendem na escola. Esta capacidade pode ser adquirida partindo do contexto cultural e social em que vivem os estudantes, aproximando os conteúdos da realidade do estudante.

Para alguns dos entrevistados, o trabalho nos SI é desafiador, e constituiu-se como elemento de mudança, uma vez que o docente assume a postura de professor orientador. A interação entre professor e aluno se modifica no momento em que os discentes começam a ter a possibilidade de decidir o que irão estudar, como sugere a seguinte fala:

[...] em um momento eu sou professora de Português deles, eu trago atividades, e eles fazem, claro que é dialogado. Então eu saio daquela aula de Língua Portuguesa ou Literatura e de repente eu sou professora de Seminários Integrados, então sou eu que pergunto: “o que nós vamos fazer hoje?”. Então este é o maior desafio, é esta nova forma de estar em sala de aula [...] (P2)

Este novo modo de trabalhar, contribui para que o professor se regenere, pois, historicamente, esse, assume uma postura de detentor das informações. De acordo com Kensky (1998) a profissão do professor está em processo de modificação, como tantas outras que se adaptam as necessidades sociais e culturais, pois os estudantes vêm assumindo o protagonismo na aprendizagem, como se observa:

Eu cobro prazos e metas que tem que ser cumpridas, mas não realizo nada para eles, eles é que são responsáveis [...] meu trabalho é como orientador (P1)

Tem um projeto aqui na escola sobre animais abandonados, o grupo entrevistou veterinários, foram atrás dos dados. O trabalho está praticamente pronto para apresentar. (P6)

Para trabalhar com projetos não conseguimos ficar só na sala de aula. Tem que pesquisar em casa, buscar outros meios. Os alunos vêm colaborando, vem em turno inverso para escola, se reúnem fora do horário de aula para fazer o projeto. (P4)

Uma pedagogia que entende o professor como mediador no processo de aprendizagem dos estudantes, passando de transmissor de conhecimentos para parceiro na busca pelo conhecimento (MASETTO, 1998), vem sendo impulsionada no estado pela mudança curricular proposta para o EMP e principalmente nos SI.

A formação docente é um aspecto relevante nos trabalhos desenvolvidos nos SI. Alguns dos relatos dos entrevistados descrevem que uma das principais dificuldades enfrentadas na prática interdisciplinar nos SI, está relacionada com a troca de informações disciplinares entre o grupo de professores. O professor P5, por exemplo, afirma estar sozinho com os SI na escola C, já que a maioria dos seus colegas não se dispõe a auxiliá-lo, e relata o que ouviu de um dos colegas:

Eu não quero saber destes Seminários Integrados, se você está com esta disciplina, ela é tua responsabilidade. (P5)

Cabe salientar que, situações desta natureza, estão distantes do trabalho cooperativo que se espera na organização dos SI, já que a proposta do EMP (RIO GRANDE DO SUL, 2011) orienta que o coletivo de professores colabore para a construção dos Projetos Vivenciais nas escolas. Na compreensão de alguns dos entrevistados, a interdisciplinaridade

acontece de modo natural, pela própria maneira que afirmam planejar suas aulas, mas consideram desafiadoras as propostas coletivas.

Eu acho que tive uma boa formação interdisciplinar, eu vejo um pouco de dificuldades, com relação aos outros professores. (P1)

Nas circunstâncias atuais do Ensino Médio, em que os professores são graduados em áreas específicas, sendo que parte deles não teve espaço adequado em sua formação inicial para estudar acerca das estratégias interdisciplinares e temas transversais, estas atividades podem se constituir como um problema para os docentes (TEIXEIRA; CONRADO; ALVARENGA, 2014). Alguns professores preferem o ensino disciplinar e não percebem vantagens no trabalho com projetos interdisciplinares e com pesquisa.

Eu acho que não precisava de tantas horas de Seminários como tem, eu acho que era mais importante distribuir estas aulas para química, física e biologia. (P6)

Assim, a formação continuada pode vir a ser uma dimensão significativa na formação do professor, auxiliando na regeneração da sua prática. Neste sentido, o professor P2 relata que a formação do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio³ colaborou para seu trabalho nos SI, permitindo compreender o que é esperado dos professores nesta parte do currículo.

[...] eu acho que o pacto foi muito bom [...] foi esclarecedor para os Seminários Integrados. (P2)

Os SI tem potencial para modificar o ambiente de sala de aula, e o modo como interagem professores e estudantes, principalmente por meio da pesquisa como princípio pedagógico. Para Galiuzzi (2011), a pesquisa é um processo que aproveita a curiosidade e o interesse na investigação, para produzir projetos, envolvendo o diálogo, leitura e escrita. A pesquisa como estratégia de ensino pode permitir aos sujeitos a capacidade de compreender a articulação dos saberes escolares com o mundo do trabalho.

Neste processo de construção da pesquisa, percebe-se que uma grande preocupação dos docentes é a escolha do tema. A proposta do EMP elenca onze eixos transversais da parte diversificada do currículo, dos quais podem surgir os temas de pesquisa. Ademais, o mesmo

³ Regulamentado em 2013 o programa do governo federal busca a valorização da formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam no ensino médio público brasileiro.

salienta que deve ser uma escolha que permita ao estudante explorar projetos de vida e da sociedade (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Todos os entrevistados concordam sobre a importância do tema de pesquisa dos Projetos Vivenciais, especialmente que seja interessante para o estudante, como esclarece um dos entrevistados:

A maior dificuldade é escolher o tema [...] tentamos escolher algo que seja de agrado do aluno e familiarizado com a minha formação. Depois de escolher o tema tudo vai se encaminhando. Cada turma possui um tema, e o projeto é planejado no 1º ano e elaborado para durar os três anos de EMP. Eu os acompanharei nestes três anos nos SI. (P4)

Eu escolho o eixo temático e a turma escolhe o tema, fazemos uma votação na turma e deste tema geral encontramos subtemas. A turma é dividida em grupo de 3 ou 4 alunos, e cada grupo cria seu subtema. Eu comecei a trabalhar nos SI em 2012 assim, e faço deste modo até hoje. (P5)

Aqui na escola os projetos tem um tema principal que é escolhido pelos professores no início do ano. A partir deste tema gerador, as turmas são divididas em grupos, e os projetos dos grupos devem estar relacionados com este tema principal. (P1)

Se o tema de pesquisa é capaz de gerar no estudante: a dúvida, o conflito, evocando sua curiosidade, é possível que, com o interesse pelo problema em questão, ocorra a motivação, construindo a aprendizagem significativa (KENSKI, 1998). Este é um dos questionamentos dos educadores: de que modo propiciar aprendizagem significativa para a vida? No centro da proposta do EMP está a pesquisa como princípio pedagógico e a aproximação com o mundo do trabalho, possibilitando o envolvimento dos alunos e modificando a unilateralidade do processo de aprendizagem.

Este movimento de trabalho interdisciplinar, pesquisa e formação para o mundo do trabalho são um dos fatores que influenciam transformações em sala de aula. Pelo que foi observado, professores e estudantes demonstram insegurança quanto aos Seminários Integrados.

Na maioria das vezes, os docentes não participam do processo de elaboração de propostas curriculares. Estas propostas são implantadas e geralmente existe uma resistência às inovações. No currículo do EMP, inserido no RS, nem todos os docentes foram instruídos da melhor maneira sobre elaboração da pesquisa e escolha de temas transversais e consequentemente muitos não possuem conhecimento de como fazer.

Eram para ser seis horas (*Parte Transversal do currículo*)⁴ nós reclamamos e diminuíram [...]. Talvez a gente não saiba trabalhar desta forma. (P6)

Percebe-se que alguns docentes se identificam com a concepção disciplinar de conhecimento. Assim, é pouco provável que este tipo de profissional desenvolva atividades que favoreçam a produção de conhecimento interdisciplinar. De acordo com Morin (2003), a maioria das mentes vem sendo formadas segundo um modelo de especialização fechada. Desta forma, pensar a construção de conhecimento sem uma superespecialização, pode parecer insensata para alguns profissionais. Estas situações de falta de compreensão com relação ao desenvolvimento das atividades nos SI também se aproximam dos alunos, alguns possuem dificuldades em entender o que pode ser desenvolvido, e nas observações feitas, possuem opiniões bastante distintas do que são os SI. Como é afirmado a seguir os professores percebem este fato:

Os alunos não entenderam o que são os Seminários Integrados. (P7).

Possivelmente, este fato sinaliza que alguns docentes não vêm desenvolvendo um trabalho que permita aos estudantes perceber os objetivos dos SI, e conseqüentemente da pesquisa e da articulação com o mundo do trabalho.

Em contrapartida, nota-se na fala de um dos entrevistados a preocupação com a educação e autonomia dos discentes, afirmando o potencial que as atividades desenvolvidas nos SI têm para a vida deles:

[...] deve ser uma coisa de crescimento do aluno de construção do que ele quer para a vida dele. É uma coisa muito mais forte. (P2)

Quando o currículo escolar fornece meios de estimular a inteligência, de colaborar na construção dos jovens enquanto cidadãos que compreendem o mundo a sua volta, podemos falar em educação para o protagonismo do estudante. Portanto, entende-se que os Projetos Vivenciais estão relacionados com as decisões que os alunos tomam sobre o que pesquisar, de que modo abordar os temas colaborando para sua autonomia. Podemos perceber que o currículo do EMP tem diferentes abrangências que não estão restritas aos conteúdos (SAVIANI, 2003). Este tipo de proposta busca ir além dos muros da escola, envolve a comunidade escolar e considera o contexto social onde esta comunidade localiza-se.

A politecnia defende a educação visando o mundo do trabalho, pois entende que os estudantes precisam dominar os elementos básicos das ciências humanas e sociais e

⁴ Consideração inserida pelos autores

compreender como o conhecimento interfere no trabalho e na sociedade (SAVIANI, 2007). Cada dia mais o mundo do trabalho depende de ações e do pensamento humano, como por exemplo, para manejar um sistema operacional. Para Jantsch e Bianchetti (2011), o trabalhador superespecializado vêm perdendo espaço no mundo do trabalho para aquele capaz de articular saberes, de avaliar diferentes situações, de realizar projeções. A especialização do conhecimento possibilita para a humanidade avanços em todas as áreas, assim, não se está contrário ao desenvolvimento das ciências, mas a favor da articulação entre as áreas do conhecimento.

Sabendo que cerca de 80% da população na faixa etária de 18 a 24 anos ainda não tem acesso ao Ensino Superior (ANDRADE, 2012), é relevante que o ensino forme os estudantes para enfrentar esta realidade. Sendo assim, é importante que os professores estejam preparados para trabalhar com as diferentes realidades sociais, econômicas e culturais dos estudantes e suas pretensões no fim do Ensino Médio, como: prosseguir nos estudos ou ingressar no mundo do trabalho. Os Projetos Vivenciais pretendem contemplar esta necessidade curricular dos jovens adultos, oferecendo condições de que os alunos escolham seus temas de pesquisa.

Dentre os aspectos que se destacam nas ações dos SI, está a metodologia para o projeto. Cada escola organiza os projetos conforme suas necessidades e preferências, existindo a preocupação em ensinar conceitos básicos para elaboração de um projeto de pesquisa:

No 1º ano vamos desenvolver estruturas de Power Point. Também capa, contra capa e planejar projeto. (P4)

Nós montamos um polígrafo para eles de metodologia da pesquisa, porque não é enviado material neste sentido [...] (P1)

Segundo Galiazzi (2011), a pesquisa pode ser realizada por sujeitos comuns. Qualquer pessoa pode utilizar a pesquisa a fim de aprender a partir dela. Entretanto, é importante que haja uma metodologia adequada que oriente e permita a reflexão e o diálogo argumentativo sobre o tema em questão.

Alguns docentes afirmam que os projetos de pesquisa nos SI estão diretamente relacionados com a instrumentação para trabalhos com pesquisa científica. Como se destaca:

Eles vão entrar na faculdade praticamente sabendo fazer um trabalho científico. (P3)

Eles fizeram a pesquisa, desenvolveram, discutiram referencial teórico, expliquei a questão do plágio, porque eles estão indo para a Universidade [...] (P7)

A contribuição dos trabalhos com pesquisa para preparar os estudantes para a Ensino Superior pode ser um dos fatores positivos dos SI. Entretanto, não é este o objetivo principal dos Projetos Vivenciais. A maioria dos estudantes observados entende esta como uma das implicações dos SI: preparar para a metodologia da pesquisa científica. Possivelmente este entendimento dos alunos pode indicar uma falta de compreensão dos próprios professores sobre pesquisa como princípio pedagógico e sua articulação de conhecimentos com o mundo do trabalho, como foi sinalizado anteriormente. Assim, a concepção formadora do Ensino Médio ainda pode estar enraizada em preparar para o ingresso no Ensino Superior, reforçando uma educação para minoria.

Considerações Finais

Este trabalho revelou algumas das possibilidades para o trabalho realizado nos SI: aproximação entre estudantes e professores oportunizando diálogo e troca de saberes, essencial nas práticas interdisciplinares (FAZENDA, 2008). Esta interação entre professores e alunos pode se estender para além do período de SI, oportunizando transformações na prática docente. As pesquisas dos Projetos Vivenciais podem abrir novos caminhos para aprendizagem dos estudantes no Ensino Médio, tornando os alunos partícipes do processo de aprendizagem e colaborando para que sejam capazes de comunicarem seus conhecimentos por meio das apresentações de seus projetos. Assim, seria interessante analisar de que modo os trabalhos de pesquisa realizados nos SI contribuem na formação dos estudantes, como colaboram para o protagonismo dos jovens na aprendizagem.

Ademais, considera-se relevante que a pesquisa nos SI construa sua própria identidade, que provavelmente terá características conforme o contexto social e cultural da comunidade escolar. Foi observada em algumas escolas que, o material didático utilizado nos SI para elaborar os Projetos Vivenciais, é uma adaptação do que vem sendo utilizado no Ensino Superior. A elaboração de um material de apoio específico para os SI seria importante, fornecendo orientações aos professores e aos estudantes, sugerindo estratégias para produzir conhecimento partindo da pesquisa e relacionando saberes com o mundo do trabalho, pois

nota-se que as estratégias de ensino utilizadas pelos professores carecem de uma melhor articulação neste sentido.

Além disso, para planejar ações interdisciplinares é recomendável que haja tempo disponível na carga horária dos professores para pensar e discutir atividades desta natureza. Mesmo um professor trabalhando 40h em uma mesma escola, o tempo para planejamento dos docentes atualmente não vem sendo suficiente. Para que o trabalho nos SI se aproxime do que é almejado os professores precisam de espaços coletivos e colaborativos de discussão. Também destaca-se que a parte diversificada do currículo não vem sendo trabalhada como apontam as orientações, logo, prejudica o caráter transdisciplinar da proposta do EMP e dos SI.

Muitos docentes, na sua formação inicial, não tiveram oportunidade de aprender a partir da pesquisa como princípio pedagógico. Dessa forma, é interessante que os currículos dos cursos de licenciatura abordem a pesquisa como princípio pedagógico, formando professores capazes de fazer uso desta estratégia de ensino no exercício de sua profissão. Assim sendo, a formação continuada para os professores pode ser um elemento diferencial para auxiliá-los a entender os objetivos propostos pelo currículo do EMP e principalmente pela inclusão da parte diversificada que abarca o trabalho interdisciplinar.

A formação construída no EMP independe dos rumos que os estudantes tomarão na sua conclusão: mundo do trabalho, Ensino Superior, Ensino Profissionalizante, etc. É possível utilizar o espaço dos SI para trabalhar todo tipo de expectativa dos jovens, e aos poucos transgredir espaços e avançar nas discussões e nas problematizações, preparando sujeitos capazes de intervir na sociedade fazendo uso de sua cidadania.

Referências

ANDRADE, C. Y. Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social. **Revista Ensino Superior Unicamp**. n. 06, p. 18-27, 2012.

ARAGONEZ, I. B. Trabalho como princípio educativo na prática pedagógica real. In: AZEVEDO, J. C. REIS, J. T. (Org.). **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática**. Ed. 1. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p.165-186.

AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática**. Ed. 1. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p. 25-48.

BARDIN. L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1977

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC, 10096.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília: MEC.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Parecer CNE/CEB nº 5/2011. Assunto: diretrizes curriculares nacionais para ensino médio. Resolução n. 2, **de 30 de janeiro de 2012**.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil, Brasília, 2014.

_____. Ministério de Educação. Programa Ensino Médio Inovador: documento orientador. MEC, 2013. Documento Orientador ProEmi, 2013, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13249&Itemid>. Acesso em: 18 jun. 2015.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica**: Pressupostos Teóricos. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. 2013.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus editora, 2006.

_____. A. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In: _____. (Org.). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 17-28.

FERREIRA, V. M. Ensino Médio Politécnico: mudança de paradigmas. In: AZEVEDO, J. C. REIS, J. T. (Org.). **Reestruturação do Ensino Médio**: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática. Ed. 1. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p.187-206.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

JANTSCH, A. P, BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade – para além da filosofia do sujeito. In: _____. (Org.). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2011. p.11-24.

JÉLVEZ, J. A. Q. A pesquisa como princípio pedagógico no Ensino Médio. In: AZEVEDO, J. C. REIS, J. T. (Org.). **Reestruturação do Ensino Médio**: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática. Ed. 1. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p.117-138.

KENSKY, V. M. Didática e Interdisciplinaridade: A Formação do Professor-Pesquisador: Experiências no Grupo de Pesquisa "Memória, Ensino e Novas Tecnologias (Ment)" In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus Editora, 1998. p. 133-146

KUENZER, A. Z. Dilemas da formação de professores para o Ensino Médio no Século XXI. In: AZEVEDO, J. C. REIS, J. T. (Org.). **Reestruturação do Ensino Médio: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática**. Ed. 1. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p.81-96.

LENOIR, Y. Didática e Interdisciplinaridade: Uma Complementaridade Necessária e Incontornável In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus Editora, 1998. p. 45-76.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. Petrópolis. Vozes, 2007.

_____. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 72, p. 11-33, 2000.

MASETTO, M. T. Aula na Universidade In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus Editora, 1998. p. 179-192.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Moraes, 1983. Disponível em: <http://eventohistedbr.com.br/editora/wp-content/uploads/2011/09/marx_engels_educacao_ensino_navegando_ebook.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2015.

MINAS GERAIS. **Reinventando o Ensino Médio**. Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. 2013.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2015.

MOREIRA, A. F. B. **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus Editora, 1997.

MORIN, E. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O método vol. 1-a natureza da natureza**. Lisboa. Mira-Sintra: Europa-América, 1977.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo: Cortez, 2000.

PIMENTA, S. G. Formação De Professores: Saberes da Docência e Identidade do Professor In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus Editora, 1998. p. 161-178.

PINTO, N. B. História das disciplinas escolares: reflexão sobre aspectos teórico metodológicos de uma prática historiográfica. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, p. 125-142, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio**. Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. 2011.

_____. **Regimento Padrão Ensino Médio Politécnico**. Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. 2012.

SAVIANI, N. Currículo: um grande desafio para o professor. **Revista de Educação**, n. 16, p. 35-38, 2003.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007.

SANTOS, R. R. Breve Histórico do Ensino Médio no Brasil. In: **Seminário Cultura e Política na Primeira República: Campanha Civilista na Bahia**, 2010, Ilhéus, BA. Anais... Ilhéus: UESC, 2010. Disponível em: <
<http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/rulianrocha.pdf> >. Acesso em: 03 ago. 2015.

SÃO PAULO. **Diretrizes do Programa Ensino Integral**. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. 2012

TEIXEIRA, A. S.; CONRADO, G. D. R.; ALVARENGA, A. M.; Licenciatura em Matemática: Um Estudo Sobre Os Componentes Curriculares. In: **Escola de Inverno de Educação Matemática**, n. 4, 2013, Santa Maria. Anais... Santa Maria: UFSM, 2013. Disponível em: <
http://w3.ufsm.br/ceem/eiemat/Anais/arquivos/ed_4/CC/CC_teixeira_andressa.pdf >. Acesso em: 28 out. 2015.

TORRES, V. S. A educação pelo trabalho, a educação integral e a Escola Politécnica no Rio Grande do Sul. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, n. 1, p. 199-209, 2012.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Apêndice

- 1- Como você descreve seu trabalho nos Seminários Integrados?
- 2- Existem dificuldades em planejar as atividades para os Seminários Integrados? Quais?
- 3- Houve na sua formação inicial discussões sobre interdisciplinaridade, transdisciplinaridade? Se sim, de que forma?
- 4- Como você acha que deve acontecer uma proposta interdisciplinar e ou transdisciplinar?
- 5- Já participou de alguma formação continuada (oferecida pela SEDUC, por exemplo) que discutisse este tema? Se sim, de que forma?
- 6- Existem materiais didáticos adequados para o trabalho com os Seminários Integrados? Qual material utiliza, por quê?
- 7- Como você planeja e trabalha as atividades dos Seminários Integrados? Qual estratégia utiliza?
- 8- Qual o principal desafio de pensar e trabalhar nos Seminários Integrados?